

A MULHER COMO *ERRATA* PENSANTE

Eridiany Aparecida Gonçalves Freire; Antonio Cleonildo da Silva Costa; Maria Mayara Lins do Nascimento

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio grande do Norte - IFRN

Resumo

O presente artigo visa analisar a obra regionalista *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, dando enfoque às figuras femininas desta. A história é narrada pelo personagem Carlinhos, que se mudara para o engenho do avô José Paulino, após sua mãe ter sido assassinada por seu pai e este ser preso. A obra alinha-se ao contexto histórico do declínio dos engenhos da cana de açúcar nordestinos e a vida decadente no sertão em período da pós-escravidão. Assim, é pertinente analisar na obra de José Lins do Rego alguns aspectos que marcaram a época, como: as mulheres e as relações de poderes decorrentes do sistema patriarcal. Neste artigo, será aplicado, portanto, uma investigação acerca da mulher em *Menino de Engenho*, a fim de suscitar uma condição de “catarse do ser”. Elas – as mulheres da obra – são as protagonistas de seus pensamentos e ações, mesmo imersas em um contexto situacional que as oprime, condicionando-as a “erratas” pensantes.

PALAVRAS-CHAVE: patriarcalismo, mulheres, relações de poder.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste em promover uma reflexão crítica contextualizada das mulheres do livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, a partir de uma perspectiva teórica. Com isso, os pontos serão tratados concomitantemente aos personagens de acordo com as situações que aparecem na obra. Para esse fim, dar-se o que chamamos de “Mulher como *errata* pensante”. Em virtude de que, partimos do pressuposto que as personagens femininas exercem grande influência sobre a obra. Daremos, portanto, destaque às figuras: Clarisse (mãe de Carlinhos); Tia Sinhazinha; Tia Maria; Judite (professora de Carlinhos); e as negras do engenho.

Desse modo, as mulheres citadas acima, detêm importante participação em inúmeros conflitos e situações comumente características da sociedade da época, em que se atribui, com isso, a condição social da mulher. Isto posto, a relação dor e libertação, em decorrência da realidade fundamentada do poder patriarcal; a demarcação da Igreja à mulher; e a legitimação no processo de submissão dentro de um antagonismo de classes que causa resignação ao ser feminino. Na referida obra, tais prerrogativas à mulher são entendidas por meio de uma possível lei natural, como tomarem a frente nos cuidados das atividades domésticas e dos filhos. Dessa forma, emparelhando a ação de sujeito social, o feminino configura-se inferiorizado, ou seja, explicitamente a voz da mulher não teria relevância na forma patriarcal familiar vigente.

Com isso, há em constante na obra a assiduidade de agressões frente a negros e mulheres. Este último, caracterizado pela violência doméstica em suas próprias casas. Neste sentido, evidencia-se na sociedade a antropologia dualística – valores atribuídos a homens e mulheres, concomitantemente, fortalecendo o ideal falocêntrico – superioridade masculina.

As cenas da obra expressam, ainda por meio da condição de vassalagem das mulheres, a concepção de identidades interativas, isto é, o sentido humano da existência dá-se por depender de uma exterioridade que a reconhece e também a julga. Tal questão justifica, portanto, o paradigma do sexo feminino enquanto ser reprodutivo e ligado às práticas matrimoniais e maternas, com base em um discurso normatizador, consequente de uma cultura dominante.

À visto disso, perpassado um cenário de ampla injustiça social, as práticas das personagens de *Menino de Engenho*, decorrem da tentativa de preservação da entidade de si mesmas, todavia orientadas ao discurso do outro, isto é, dialogismo e prenominação, termos propostos por Bakhtin (1977). Resultando em uma crise de identidade ou crise substancial dos personagens – sujeitos absolutos, presos e limitados a suas realidades,

Discutiremos desta forma, o panorama que circunstancia a vivência das mulheres de *Menino de Engenho*; as relações de poderes que se instalam no período tratado e como o contexto que estão inseridas irá influenciar em suas formas de pensarem e agirem.

Nessa perspectiva, optamos por desnudar diversos aspectos na conjuntura da obra supracitada, os quais são imprescindíveis a esta análise, uma vez que há significativos conceitos a serem elucidados e refletidos. Assim, a mulher passa a ser protagonista, mesmo que subjugada.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa, compõem-se inicialmente da leitura do livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, seguido de análises de textos científicos alusivos a problemática proposta pelo trabalho. Além disto, foram efetuadas, discussões de grupos relacionado a obra e às publicações sugeridas em torno da temática, objetivando uma ampla discussão para melhor compreensão dos assuntos vistos em leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ler a obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, nos deparamos com uma representação literária das condições conflitantes e precárias dos engenhos nordestinos e a condição do povo em demarcada época. Vemos nesta obra o retrato autêntico da aplicação de uma sociedade

patriarcalista, em um dos pontos mais altos da história. Onde o ser masculino é estabelecido culturalmente como ser dominante ao sexo oposto - falocentrismo. Com isso, a obra tangencia uma realidade pela qual as mulheres tinham suas vozes submergidas aos dos homens. Assim, a própria linguagem desdenhosa manifestada pelos personagens, ou mesmo fragmentos existentes na narrativa, nada, mas são que o reflexo do pensamento dominante da época. Assim, observa-se na literatura, como registro histórico, uma interferência na ordem social, marcada pela distinção de gênero em um contexto de hierarquia.

E doutra, enquanto eu ficava sozinho na sala com a minha carta na mão, ouvi no interior da casa um ruído de pancadas e uns gritos de quem estivesse apanhando. Compreendi então que a minha bela Judite apanhava do marido.” (REGO, 2001, p. 47).

O Estigma feminino no padrão de esposa – mãe – dona de casa, implica nessas circunstâncias uma condição de submissão e dominação do sexo masculino, podendo desencadear um abatimento da dignidade humana. O que motivou a ida de Carlinhos para o engenho de seu avô materno foi o assassinato de sua mãe, Clarisse, cometido por seu pai. Todavia, antes do ocorrido já estivera presenciado diversos acontecimentos que demonstrara o comportamento violento do marido de sua mãe:

Gritava, dizia tanta coisa, ficava com uma cara de raiva que me fazia medo. E minha mãe ia para o quarto aos soluços. Eu não sabia compreender o porquê de toda aquela discussão. Sei que, daí a pouco, lá estava ele com a minha mãe aos beijos. E o resto da noite, até me ir deitar, era só com ela que ele estava, com os olhos vermelhos de ter chorado também. (REGO, 2001, p.5).

O estado de conformidade da mulher, nestes casos representados por Clarisse, mãe de Carlinhos, está diretamente ligado a identificação relacional, ou seja, a aceitação quanto ao seu papel como uma responsabilidade ética, mesmo que tenha de enfrentar a violência de seu marido.

Ler, portanto um texto literário tomado como instrumento os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista, implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, diferença essa que não existe fora do contexto ideológico, mas como parte de um processo de construção social e cultural (ZOLIN, 2003, p. 161).

Assim, o consciente de Clarisse, tinha como o propósito seguir seu papel de mãe e de esposa, a qual sentia-se triste, mas era sempre amável com seu filho e obediente ao seu marido em qualquer circunstância.

Os aspectos sociais que forçadamente tentam moldar a vida das personagens femininas, essencialmente desumanizam. Assim, observamos uma clara evidencia da falta de voz, a submissão e a resignação das personagens femininas.

E todo ano pariam o seu filho. Avelina tinha filho do Zé Ludovina, do João Miguel destilador, do Manuel Pedro purgador. Herdavam das mães escravas esta fecundidade de boas parideiras. Eu vivia assim, no meio dessa gente, sabendo de tudo o que faziam, sabendo de seus homens, de suas brigas, de suas doenças. (REGO, 2001, p.26).

A herança negra de Avelina a condicionava à submissão masculina. Nesse interim, palavra negro, advém do latim, *niger*, que tem sua atribuição para designar a cor escura dos objetos. Na cultura ocidental, está associada a falta de luz, negatividade e opressão. Desta forma, para além disso, as mulheres negras em decorrência do contexto social marcado pela escravatura, mesmo após a abolição, foram associadas ao prazer carnal e ao trabalho. Com isso, detendo um caráter inferioridade e desvalorização ainda mais acentuado se comparado as mulheres brancas. Complementado, deste modo, aos princípios racistas relacionados a um estereótipo de mulher ligada ao sexo, reprodução, indignidade e a sucessória mão de obra.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos [...]. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc. (HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. 2007, p.67)

A partir do trecho acima, pode-se afirmar que na obra expressa há o que se denomina de antropologia dualística, isto é, homem ligado ao mundo produtivo; a mente; a cultura; o pensante; o ativo; o dominador; enquanto que a mulher a reprodução; o passivo; natureza; emoção. Assim, exprime uma condição hierárquica entre os gêneros.

Para Descartes (1979), isso se dá pela *res cogitan* (substância espiritual) e *res extensa* (substância material). A *res cogitan* trata-se de uma autoevidência de si mesmo, algo preciso, o

qual não se pode duvidar e que, portanto, deve ser tomado como verdade, mesmo que nosso próprio sujeito (ego cogito) venha a ser enganado. Esta substância pensante é que irá habitar o corpo – o extenso. As atitudes do ser, condizem, portanto, com aquilo que lhe foi dado como verdade. Desse modo, esta filosofia configura-se nas relações sociais entre os gêneros, explicando a oposição de classes. Ou seja, é dado como verdade, que o destino da mulher é “ser mulher” e o destino do homem é “ser homem”.

[...] coisa pau pra toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque, além de escrava, é mulher. Evidentemente, esta **maneira** de viver a chamada “condição feminina” não se dá fora da condição de classe... e mesmo de cor. (GIACOMINI, 1988, p. 87-88, Grifo da autora).

A mulher retratada em *Menino de Engenho* detém um caráter de objeto sexual, de forma que esta ideia é fomentada desde o início do processo de socialização, na infância, fortalecendo consequentemente a sociedade patriarcalista. Conforme mostra acima, Carlinhos passa a desejar um comportado em relação a mulher que antes não conheceria.

A outra contava que o senhor do engenho de Poço Fundo tinha mais de vinte mulheres. Esta conversa me tomava inteiramente, e as letras, que a solicitude de minha tia procurava enfiar pela minha cabeça, não tinham jeito de vencer tal aversão. O que eu queria era a liberdade de meus primos, agora que as arribaçãs, com a seca do sertão, estavam a descendo em revoada para os bebedouros. (REGO, 2001, p.31)

Para Heilborn (1999, p. 10-11), [...] a sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Sendo essa variação efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados espaços sócias e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam [...] valores e práticas sexuais, modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade.

No florescer da obra, nota-se a prática de uma estratégia que visa regulamentar a autoconsciência dos personagens, denominado catarse, caracterizado por ser um método encarregado de desprender o indivíduo de receios que particularmente o aflige. No sentido clínico, foi intercalado pelos gregos e tomou força por meio dos psicanalistas do século XIX, é utilizado na atualidade por corporalistas e terapeutas. No aspecto cotidiano, está presente desde os primórdios da humanidade, em que o próprio ser incorpora seu método catártico, afim de consequenciar uma

sensação de liberdade para si mesmo. De acordo com Lukács (1996, p. 509) “cada catarse estética é um reflexo concentrado e conscientemente produzido de comoções cujo original pode sempre achar-se na vida mesma.”

As personagens de *Menino de Engenho*, adentradas em uma sociedade essencialmente opressiva em questões sociais e de gênero, executam regularmente a catarse, objetivando um conforto da autoconsciência, suprimindo desprazeres que as oprimem e aderindo a ações que as “emancipam” desses sentimentos. A personagem Sinhá, é um exemplo disso, após ser abandonada por seu marido, fora morar com seu cunhado, onde passara a protagonizar atitudes descritas por Carlinhos como maldade.

A VELHA SINHAZINHA não gostava de ninguém. Tinha umas preferências temporárias por certas pessoas a quem passava a fazer gentilezas com presentes e generosidades. Isto somente para fazer raiva aos outros. Depois mudava. E vivia assim, de uns para outros, sem que ninguém gostasse dela e sem gostar direito de ninguém. De mim nunca se aproximou. E eu mesmo fugia, sempre que podia, da sua proximidade. (REGO, 2001, p.36)

A catarse contextualizada na obra, é evidenciada a partir do fato da personagem Sinhazinha, encontrar o sentimento de ócio e destemor, a partir da sensação praticada na iniquidade em relação aos outros. Sentiria, portanto, satisfação em afligir os demais personagens e isso incomodara Carlinhos. Hegel (1992) classifica tal fenômeno como “bela alma”, isto porque, a “consciência judicante” tem receio de “manchar a magnificência de seu interior por meio da ação e do ser-ai; para preservar a pureza do seu coração, evita o contato da efetividade, e permanece na obstinada impotência” (HEGEL, 1992, P.134).

Desta forma, a “bela alma” presente na personagem Sinhazinha, tratara-se da manifestação em que a própria consciência busca se reconhecer, mesmo por meio de atitudes que não agradam quem a cerca. “A tia Maria ficava no seu quarto a rezar. Tinha muito medo dessa gente que vivia no crime. Quando me viu a seu lado, abraçou-me, chorando.” (REGO, 2001, p.32).

Para a personagem Tia Maria, em que em diversas cenas aparece orando ou ensinando as rezas a Carlinhos e aos meninos do Engenho, o método catártico que adota dar-se pôr a chamada catarse religiosa, da qual corresponde uma espécie de purificação da alma, bem como simboliza uma comunhão com Deus, libertação dos pecados e o desejo de salvação.

Na situação em específico, temos uma cena em que Tia Maria reza no quarto após saber da vinda de Antônio Silvino ao engenho, de forma que, passara a rezar e após, chora abraçando

Carlinhos. Para tanto, o efeito que gera a expressão de suas emoções, decorre da subjetividade de diferentes reações de felicidade ou infelicidade, da qual é definida a *priori*, que é caracterizada pelas mudanças psicológicas consequentes de específicos acontecimentos dramáticos, em que as emoções passam a ser libertar, ocasionando ‘uma paixão em relação ao sujeito a quem acontece, e uma acção em relação a quem o provoca’ (DESCARTES, 1984, p. 65).

Assim, justifica-se a sensação de medo da personagem em relação aos cangaceiros, bem como seu receio do que poderia acontecer com ela e com as pessoas que a cerca, detendo com isso, a necessidade de recorrer à religião como seu refúgio.

A personagem Judite, no decorrer da obra, sofrera diversas ações violentas advindas de seu marido, todavia passara sempre a tratar bem as pessoas, de forma que seu carinho era expresso sobretudo a Carlinhos. “E o meu coração sentiu-se cheio de uma afeição estranha pela sua mulher. Era tão terna para mim, me punha no colo para me agradar, para dizer que queria um bem de mãe. Eu sentia o seu sofrimento como se fosse o meu” (REGO, 2001, p.47).

A catarse objetivando a reconfiguração do espírito humano, poderá decorrer à hipocrisia ou solidariedade. Esta por última, é a reação catártica da personagem Judite, de modo que expressa sua tolerância com a própria dor e simultaneamente com as dores alheias, fazendo com que transforme suas ações individuais de forma a ter protuberância quanto às ações coletivas. Desta forma, sua catarse fundamenta-se em tratar condignamente às pessoas, sobretudo Carlinhos, a fim de fundamentar atitudes caridosas e ao mesmo tempo superar seu próprio trauma — “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”. (CERTEAU, 2004, p.38).

Ela passava o dia inteiro comigo. Era pequena e tinha os cabelos pretos. Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos. Dona Clarisse, como lhe chamavam os criados, parecia mesmo uma figura de estampa. Falava para todos com um tom de voz de quem pedisse um favor, mansa e terna como uma menina de internato. (REGO, p.20)

Concomitantemente, a personagem Dona Clarisse, que aparece apenas no início da história, demonstrara um comportamento semelhante ao de Judite, de tal forma, tem-se na obra que ambas as personagens estão inseridas em um contexto que as colocam à margem, na violência doméstica. Para tanto, a mãe de Carlinhos, que assim como a professora, também demonstraram um comportamento que expusera sensibilidade às pessoas.

Na psicoterapia corporal as experiências de catarse caracterizam-se por uma descarga de tensão, uma liberação espontânea dos padrões de contenção, liberação esta que acompanha uma eliminação das defesas de caráter e possibilita a expressão de sentimentos. (RIBEIRO, 2008, p.2)

Tal questão, demonstra as diferentes formas em que pode-se ocorrer o método catártico. Se na obra, a personagem Sinhazinha utiliza de más atitudes para aliviar-se de sentimentos que à aprisiona, em contrapartida, personagens como a mãe e a professora de Carlinhos, utilizam da benevolência para praticar o exercício da autoconsciência e a superação de certas emoções.

CONCLUSÕES

À vista do que foi tratado neste trabalho, observa-se a importância que a obra literária detém enquanto marco da arte e da historiografia. *Menino de Engenho*, obra regiana do período modernista, retrata os desafios, costumes e tradições das vivências no engenho e, portanto, traz consigo características comuns da época supracitada, incluindo-se as relações de poderes, marcada por fortes distinções de gênero.

Desta forma, como pertinente à época em que fora escrita, Lins do Rego, põe em foco os personagens masculinos e opta por deixar as personagens femininas em condição secundária, passando ao leitor uma impressão de seres quase que despercebidos. Nessa perspectiva, contudo, considera-se que as personagens femininas têm muito mais a revelar do que aparentemente se explícita.

Investigar, portanto, as mulheres nas obras literárias, confere em estudo de extrema importância para a compreensão dos leitores no que diz respeito ao contexto da época em que fora escrito e ainda, de que forma as mulheres passaram a agir e pensar diante das imposições sociais. Desse modo, é imprescindível que análises científicas foquem também nas vozes femininas, mesmo quando não são explicitamente notáveis.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano. 1: As artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2004

DESCARTES, R. **Discurso do Método;** Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas; introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gérard Lebrun; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. – 2. ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1979. Col. Os pensadores

GIACOMINI, M. S. **Mulher e escrava, uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Vozes: Editora APPRIS, 2012.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito**. Vol. II. 2ª edição. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEILBORN, M. L. “**Construção de si, gênero e sexualidade**”, in: HEILBORN, M. L. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

LUKÁCS, G. **O Romance como Epopeia Burguesa**. In: Revista Ad Hominem 1, Tomo III, Música e Literatura. São Paulo, Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.

NETO, A. B. S. **Catarse (katharsis) como articulação entre estética e ética em G. Lukács**. Trilhas filosóficas, vol. 4, n. 5, 2011.

REGO, J. L. do. **Menino de engenho**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

RIBEIRO, E. M. C. **Catarse e Auto-Regulação: Porque e quando trabalhamos com carga alta ou baixa?**. Curitiba: Congresso Brasileiro, Convenção Brasil/latino-americana, XIII, VIII, II, 2008. 9 p.

ZOLIN, Lúcia Ozana; BONNICI, Thomas. **Crítica feminina**. In: ZOLIN, Lúcia Ozana; BONNICI, Thomas. (Orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Universidade do Estado de Maringá, 2003.